

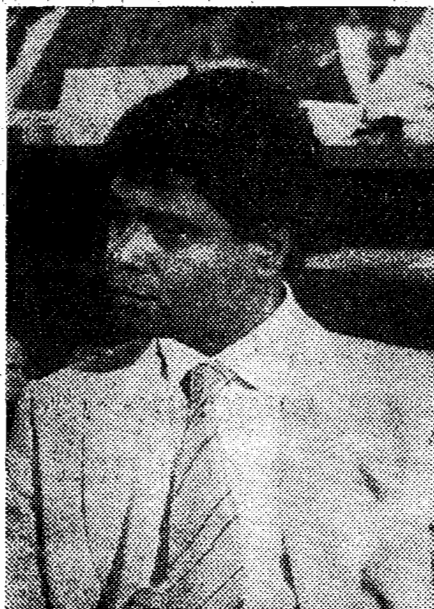
O seu amor aos amigos sobrevive em todos nós

— depoimento de Calane da Silva, seu amigo e companheiro de muitas lides

Gulamo Khan, poeta, escritor e jornalista, um ano depois do trágico acidente de Mbuguzi, em que perdeu a vida, é hoje recordado por um dos seus melhores amigos, Calane da Silva, como ele também escritor e jornalista, que no depoimento que aceitou a conceder-nos enaltece algumas das virtudes do malgrado onde destaca o seu sentido de amizade, «o amor aos amigos, sempre pronto a ajudá-los».

«Há distância de um ano não é fácil uma distanciação necessária para em sua recordação recordar-lhe o perfil de irmão e amigo, de colega e camarada.

Está demasiado próxima e latente a imagem de Gulamo Khan velho amigo mais novo que vimos crescer ali para os lados da Mafalala. Daqui



a falta de perspectiva para um depoimento mais rigoroso, pois aflora ainda e sobretudo a emoção que o tempo curto não conseguiu atenuar.

Tenho comigo um poema escrito pelo seu punho e não pela frieza da dactilografia profissional, intitulado «De Sul para Norte» do livro que não completou o «Moçambicanto», cujos dois últimos versos, quase premonitórios, recorro.

«Teus filhos aprendemos a carpir este túmulo cavado para lá das lágrimas.»

E isso. Nós, os filhos desta pátria que ele tanto amou (não é por acaso o nome que deu ao seu livro — «Moçambicanto») estamos a aprender a carpir as lágrimas do sangue vertido em Mbuguzi.

Recordar Gulamo Khan é também lembrar-me do grande profissional da Rádio que perdemos. Emérito no seu «metier» estava atento a tudo o que era inovação no seu campo, aos últimos lançamentos discográficos nacionais e estrangeiros, à saída do prelo do último livro.

E isso ele conseguiu muito embora as nossas dificuldades porque também soube ao ponto de muitos anos granjear amigos em várias partes do mundo com quem se correspondia e mais tarde visitava mercê da sua profissão.

Há também o Gulamo das depressões, das frustrações e da solidão enorme bem disfarçada nas farras bem curtidas nas casas dos amigos nacionais e estrangeiros.

Com membros do Secretariado da Associação dos Escritores Moçambicanos com ele partilhei a dinamização literária em fábricas e escolas e foi ele a primeira pessoa a responder afirmativamente quando lancei e realizei o primeiro «M'Saho», este espaço de poesia e canto ao ar livre, que os nossos jovens escritores souberam continuar a fazer nos últimos sábados de cada mês, no Jardim Tunduru.

Exímio declamador de poesia sua voz perdeu-se sem que tenha gravado um disco da nossa poesia, facto que com ele insistimos tantas vezes. Quem hoje poderá dizer a poesia de Craveirinha como ele?

Conheci-lhe de perto os defeitos e as virtudes. Mas se há algo que ficou em todos os seus amigos foi esse amor aos amigos, sempre pronto a ajudá-los.

Para mim fica-me na memória também e profundamente o seu apego singular a tudo o que era culturalmente nosso, moçambicamente nosso, não desprezando, contudo, o universal.

A medida que o tempo for passando mais apurado e distinto ficará na recordação de todos nós aquilo que de grande e bom conhecemos em Gulamo Khan.»

NOTA: Por falta de espaço não foi possível a publicação na edição de ontem do depoimento do professor Jacques Depelchin sobre o professor Aquino de Braçanha o que esperamos fazer numa das nossas próximas edições.